

# O Trabalho e o Homem que trabalha — Uma ode ao trabalho: Percursos fotoetnográficos

**Resumo:** Este ensaio recupera das minhas vivências, interesses e experiências desde sempre no meu empenho de olhar, pensar e abordar o mundo via fotografia. Discorrer sobre as pessoas, hábitos, vida, mundo do trabalho por meio não apenas lançando mão da linguagem verbal. De certa maneira esse apanhado de fotografias, muitos retratos, são a minha vida de ser fotógrafo e “político” na medida das minhas limitações. Fotografia, trabalho, arte, antropologia, ensino são a minha vida. Na medida do que me foi possível até aqui. Agradeço desde já pelo olhar atento de vocês. Há muitos anos minha colega, amiga, e depois orientadora de mestrado Dra. Ondina Fachel Leal disse que eu olhava para o olhar do Outro, eu não sabia então que ela sempre teve razão.

**Palavras chave:** Trabalho, Fotografia, Fotoetnografia, Retrato, Antropologia Visual

## Work and the man who works — An ode to work: Photoethnographic paths

**Abstract:** *This essay speaks about my experiences, interests and efforts to look, think and approach the world through photography. Using a visual language to approach people, habits, life and the world of work.. In a way, this collection of photographs, many of them portraits, is my life as a photographer and “politician” to the extent of my limitations. Photography, work, art, anthropology and teaching are my life. As far as I have been able so far. Thank you for your attentive looks. Many years ago, my colleague, friend, and later master’s advisor Dr. Ondina Fachel Leal said that I looked at the Other’s gaze, I didn’t know then that she was right.*

**Key words:** *Work, Photography, Photoethnography, Portrait, Visual Anthropology*

<sup>1</sup> - Professor Associado IV do Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, profissional da fotografia e pesquisa na área de Antropologia. Membro associado a PHANIE centre de l’ethnologie et de l’image — Paris . Professor Colaborador do NAVISUAL da Antropologia da UFRGS.

robinson.achutti@gmail.com

<http://lattes.cnpq.br/8210836935303968>



Sempre acreditei na sentença, que já nem sei se é minha ou tomei emprestada, de tão óbvia — O Homem é o seu Trabalho. No mais amplo sentido que se puder alcançar pensar o Homem é o seu trabalho. O Trabalho é a forma de estar no mundo, mediação entre o ser e o tudo/todo. Trabalho produz o Homem que precisa viver e se reproduzir para que o todo, o mundo, existam.

O Trabalho, sobretudo no modo capitalista, é o pano de fundo (como nos antigos estúdios dos retratistas dos tempos dos alquimistas dos primórdios analógicos) da desigualdade que separa a maioria da humanidade de poucos outros que comandam a forma de existência de todos outros. Ao ponto de haver trabalhos que destroem nosso próprio meio ambiente, nosso espaço de vida. Os Trabalhos são vários, mais técnicos, menos complexos, mais prazerosos, difíceis, insubstituíveis, como a vida com seus vários vieses. Puramente intelectuais ou não de todo só braçais, o mundo não existe sem ambos, antes que a inteligência artificial venha acabar com o mundo.

Meu trabalho, ou seja a fotografia na minha vida, começa em 1975 quando fiz um curso no Foto Cine Clube Gaúcho. Eu flanava pelas ruas na busca de grandes “momentos decisivos”, como conceituou o Bresson. Na verdade, eu não sabia qual tipo de fotografia eu buscava, somente um genérico gosto pelo fotojornalismo. Meu pai assinava o Correio do Povo, e desde muito jovem eu lia o jornal todos os dias.

Na sequência tive uma rica experiência/laboratório, um jornal quase de verdade, A Voz do Morro, tendo por editor o nosso professor, o grande Rui Carlos Ostermann, um sonho apenas possível no Colégio do Papa Socialista, João XXIII. Nesses dois, três anos eu já sonhava ser sociólogo para salvar o Brasil e o mundo. Na contramare da família de pai e mãe médicos, fui me “refugiar” na fotografia um dos fazeres do meu avô paterno que passou a vida em Santa Maria, fotógrafo desde muito novo.

Cuba como modelo, URSS como utopia, o caminho era à esquerda, aluno de sociologia da UFRGS com algumas boas referências de professores marxistas. Mais dois anos e fui tentar o sonho de ser fotojornalista trabalhando na Coojornal — Cooperativa dos Jornalistas de Porto Alegre, quando a luta era

pelos Diretas Já. Se fazia urgente conhecer o mundo socialista, tão criticado por muitos. Em algumas férias eu ia trabalhar fotografando, primeiro Cuba, depois Nicarágua, adiante a Alemanha Socialista, até que o chamado Socialismo Real acabou. Por ironia e autoflagelo, volto no ano seguinte, 1990 para fotografar a reunificação alemã.

Adiante voltei a UFRGS, ao PPGAS, para fazer o mestrado em antropologia e com isso ser um fotógrafo com mais capacidade de ver as coisas, as pessoas, pensar o mundo. Em paralelo passei no concurso público para professor de fotografia do Instituto de artes da UFRGS. Marcante foi o trabalho de campo na Vila Dique com as mulheres pioneiras na experiência de separação do lixo apoiadas pela prefeitura do PT do Olívio Dutra. Lá na outra ponta do mundo do consumo, ação de reciclagem.

Em 1998 outro sonho, viver e estudar em Paris, a pátria da fotografia e de grandes fotógrafos. Mais uma vez o mundo do trabalho, desta vez os bastidores da Biblioteca François Mitterrand recém-inaugurada e cheia de problemas que surgiam dos longos corredores daquela “usina” de guardar e oferecer livros.

De volta, quatro anos depois, retomo ao IA UFRGS e começo a fotografar artistas reconhecidos, uma ação em nome da memória que desde então e cada vez mais é o que me move como fotógrafo. Passei a editar álbuns com minhas fotografias, trabalho na clássica linha da fotografia documental. As viagens para longe diminuíram, meus projetos de documentação, assim como os de colaboração por meio da minha fotoetnografia ficaram com foco mais local. Foram o universo ferroviário gaúcho que ainda não se tornou livro, documentação em homenagem ao Guaíba, colaboração com pesquisadora da Dra. Maria Paz Hidalgo do Hospital de Clínicas com sua pesquisa sobre o sono.

Não citado até aqui tem também um trabalho de pesquisa e prática, em função de ensinar, quando após o doutorado enveredei pelas técnicas pioneiras da fotografia do século XIX, cópias feitas a pincel sobre papel de algodão que eu gosto de chamar de Processos Antigos em Fotografia.

As Ferramentas são o Trabalho — voz, martelo, cinzel, maçarico, pá, tesoura, machado, pincel, violão, violino, câmera, corda bamba, nariz vermelho, panela, faca, fé cega — do tamanho do mundo as ferramentas são, inúmeras.

O que difere um soldador que conserta ou constrói, de um soldador que reinventa o que nunca esteve estragado porque nunca existiu, como forma de criar um exército metafórico de guerreiros? muito pouco.

Gestos, no fundo do mundo de antes, de hoje e amanhã, tudo são gestos, protetores, garantidores ou criadores, gestos do viver, sem bem saber como, gestos dos Homens que portam verdades ou que buscam verdades que nunca irão encontrar ou ter.

Qualquer coisa que se produza, pense ou crie nessa época da infecção do mundo, tem que incluir essa certeza da completa e desesperada incógnita presente que olha para o passado pedindo ajuda para pensar o futuro.

No circo que é vida tem trabalho. Na pintura se retrabalha a vida como ela não é ou deveria ser. No atelier o pintor pinta a vida que deveria ser e não é. Na terra o agricultor colhe a vida que precisamos ter. No forno o pão, senhor dos alimentos todos para se poder trabalhar para e pela vida. Energia que vem do petróleo só se recolhe, enquanto há. O milagre dos peixes não é milagre, é vida. Escrutinar e classificar o lixo é trabalho nobre em nome da vida.

A Vida é Trabalho que reproduz a Vida, ou não é nada. A Luta vale a Vida.

Fotografar é trabalhar, no caso aqui posto, nessas imagens, exatos 45 anos de sonhos interrompidos, como pensou o Cineasta Silvio Tendler para um filme recente seu.

Fotografia é trabalho, fotografar e trabalhar podem ou deveriam ser formas de estar no mundo.

#### Referências

ACHUTTI, L. Fotoetnografia, um estudo de antropologia visual sobre cotidiano, lixo e trabalho.. Porto Alegre: Tomo Editorial / Livraria Palmarinca, 1997. v. 01. 220p .

ACHUTTI, L. Ilha e marinheiros. Fotocronografias. Vol. 02, nº04, pp.1–8, 2018. Disponível em: <https://medium.com/fotocronografias/luiz-eduardo-achutti-f062929657dc>

ACHUTTI, L. Obra/Vida: Os signos justapostos na pintura de Ubiratã Braga. Revista Gama, Estudos Artísticos, v.6, p.185–192, 2015

ACHUTTI, L. Projeto Percurso do Artista Achutti. 1. ed. Porto Alegre-RS: Companhia Rio-grandense de artes gráficas Corag, 2011. v. 2000. 232p .

No Chalé da Praça XV quando um guri fotógrafo começa, depois em Montevideo ou no Bric da Redenção em Porto Alegre, as vezes passando pelo Bric do Didi na rua Dr. Flores. Logo adiante na Nicarágua seja no estúdio ou na rua.







## Arte de pesquisar: O ofício acadêmico

84

Separação de materiais para reciclagem no trabalho de pesquisa na Vila Di-  
que ou na Biblioteca François Mitterrand em Paris.



O mundo pode ser num circo de periferia de Porto Alegre em 1978 ou num porão na cidade de Caxias do Sul onde se inventam ícones religiosos, mas também podem ser ateliers de reconhecidos artistas em Porto Alegre.





## Arte de trabalhar: O trabalho operário

O trabalho como essência que lida na matéria prima, na busca de energia em Poa, no universo aviltado dos trens ou na refinaria de petróleo.





